



# Carta de

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Secretaria do Planejamento e Gestão  
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA  
Siegfried Emanuel Heuser

# Conjuntura FEE

ANO 17 Nº 11  
Novembro de 2008

## Produção, emprego e salário na indústria gaúcha

A indústria de transformação do Rio Grande do Sul apresentou, nos oito primeiros meses de 2008, um crescimento de 4,5% na sua produção física, quando comparado ao mesmo período do ano anterior. Tal desempenho esteve bem abaixo da sua congênere brasileira, a qual cresceu 6,0% nesse mesmo período.

Sobre esse desempenho, convém destacar-se que, em primeiro lugar, ele representa uma desaceleração do ritmo de crescimento, quando comparado ao verificado em 2007 (7,4%). Essa tendência de desaceleração, diga-se de passagem, tem-se manifestado ao longo de todo o ano de 2008, o que sinaliza uma expansão ainda menor no fechamento do ano. Em segundo, verifica-se que esse acréscimo na produção física se concentrou em dois setores: produção de máquinas e equipamentos (25,9%) e veículos automotores (19,2%). Como resultado do desempenho desses setores, podem-se observar, também, expressivas taxas de crescimento dos setores de metalurgia básica (9,5%) e produtos de metal (6,8%). Em contrapartida, setores mais tradicionais da indústria gaúcha têm apresentado taxas negativas de variação na produção. Esse é o caso dos setores produtores de bebidas (-7,2%), fumo (-9,8%) e calçados (-4,7%). Exceção a essa regra tem sido o desempenho do setor produtor de alimentos, que apresentou uma taxa de (8,4%), puxado pela recuperação da economia gaúcha e pelo aquecimento do mercado interno nestes dois últimos anos.

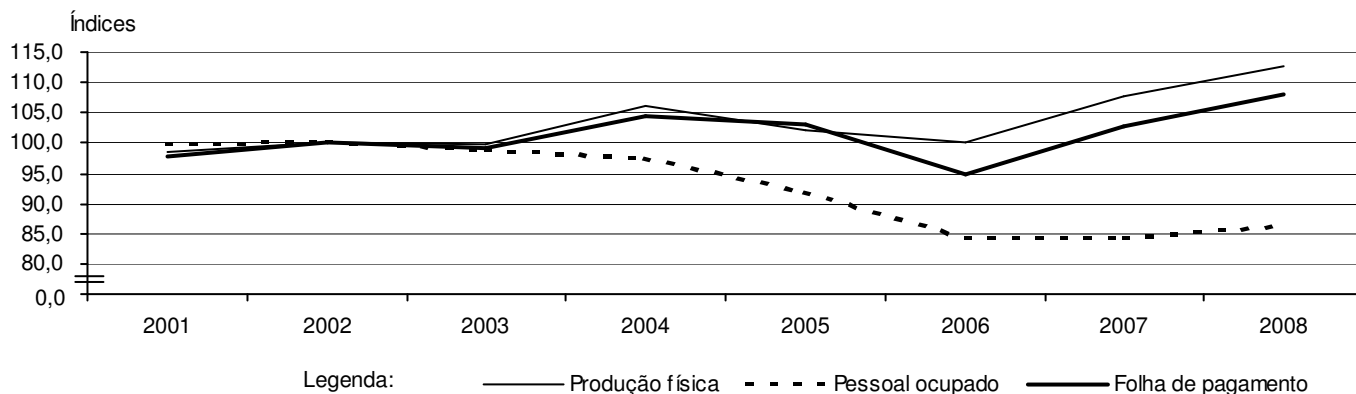
Pode-se observar, no entanto, que o crescimento da produção não tem apresentado correspondência com a absorção de mão-de-obra por parte da indústria. Assim, se, em 2007, o crescimento do emprego foi praticamente nulo, nos oito primeiros meses de 2008 ele foi de 2,4%. De forma semelhante ao

que ocorre com a produção física, observa-se que os setores produtores de máquinas e equipamentos e de veículos automotores estão entre os maiores responsáveis pelo crescimento do emprego. No agregado, no entanto, observa-se que a perda de vagas na indústria de transformação resultante da crise dos anos de 2005 e 2006 ainda não foi recuperada. O resultado conjugado do desempenho da produção e da absorção de mão-de-obra tem sido um significativo aumento da produtividade do parque industrial gaúcho.

Por outro lado, quando se observam os índices da folha de pagamento real da indústria gaúcha, verifica-se que eles têm apresentado um crescimento significativo, conforme pode ser visto no gráfico. De fato, observa-se que, nos dois últimos anos, enquanto a produtividade apresentou um crescimento de 9,6%, a folha de pagamento real cresceu 13,8%. Os índices demonstram, ainda, uma estreita correlação entre produção física e folha de pagamento. O desempenho conjunto das variáveis folha de pagamento e emprego, portanto, reflete o aumento no salário real do trabalhador empregado na indústria de transformação.

Por fim, convém destacar-se que a desaceleração da economia mundial, já em andamento, em conjunto com a queda no preço das *commodities*, com a crise financeira e com a consequente restrição ao crédito, irá afetar, em grande escala, os investimentos e, em grau menor, o consumo das famílias. Com isso, é de se esperar que os setores que vêm liderando o crescimento da indústria gaúcha, mencionados anteriormente, apresentem significativa desaceleração em 2009, impactando o desempenho da indústria e da economia como um todo.

Índices da produção física, da folha de pagamento real e do pessoal ocupado na indústria de transformação, no RS — 2001/08



FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados de 2008 foram estimados usando a variação do período jan.-ago.

André Luis Contri (FEE/CEES)

## Agricultura familiar: medidas para um resultado de safra promissor

A próxima safra de verão está sendo plantada em meio a uma crise global generalizada. O aumento dos preços de fertilizantes e combustíveis força os custos de produção para cima, enquanto a diminuição dos depósitos à vista reduz uma das principais fontes de recursos do crédito rural. A consequência desse impasse é um plantio que exige mais dinheiro por hectare em contraposição a uma menor oferta de crédito.

Para a agricultura familiar, no entanto, o Pronaf assegura os recursos para a safra 2008/2009. No Rio Grande do Sul, esses recursos, que vêm aumentando significativamente a partir de 2004, serão de R\$ 2,6 bilhões nessa safra, 37,6% maiores do que os utilizados na safra anterior. Como o Programa objetiva estimular a produção de alimentos populares cujos preços estão em alta, como arroz, feijão, leite e trigo, o Governo Federal instituiu ainda o Pronaf Mais Alimentos — uma linha de crédito para investimentos em infra-estrutura do estabelecimento familiar. Financiando a aquisição de máquinas e de equipamentos agrícolas, a correção e a recuperação de solos, a irrigação, a implantação de pomares e estufas e a ampliação da capacidade de armazenagem, essa linha de crédito cria as condições necessárias para um aumento significativo da produção e da produtividade e para o restabelecimento adequado dos volumes de estoques nacionais.

De modo geral, os instrumentos de política agrícola utilizados pelo Governo para a agricultura familiar são bem conhecidos (seguro agrícola, preços mínimos, crédito, aquisição de alimentos) e podem ser muito eficientes, se manejados na hora certa.

Evolução do número de contratos e valores correntes do Pronaf para o Rio Grande do Sul — 2004-08

ANOS	NÚMERO DE CONTRATOS	MONTANTE (R\$ milhões)
2004	323 422	1 254,68
2005	323 314	1 259,53
2006	320 959	1 487,28
2007	328 157	1 889,16
2008 (1)	420 000	2 600,00

FONTE: SAF-MDA.

(1) Previsão.

Elvin Maria Fauth (FEE/CEES)

## Crianças e adolescentes entre escola e trabalho, na Região Metropolitana de Porto Alegre

Um problema quanto aos direitos da criança e do adolescente diz respeito à garantia do acesso e da permanência destes no sistema escolar. Dados relativos aos últimos seis anos na Região Metropolitana de Porto Alegre mostram o comprometimento desse acesso e dessa permanência pela presença de crianças e jovens no mercado de trabalho.

A população de 10 a 18 anos que não estava presente no mercado de trabalho entre 2003 e 2008 (até julho) tinha uma média de frequência à escola de 93,4%. Ao se considerar a População Economicamente Ativa de 10 a 18 anos, verifica-se que, para ocupados e desempregados, os percentuais de frequência à escola são mais baixos e oscilantes. É marcante que, enquanto os desempregados têm sua presença na escola superior a dois terços na maior parte do período (com exceção de 2006 e 2007), entre os ocupados essa presença é sempre inferior a dois terços, chegando, em 2006, a pouco mais da metade dos ocupados (57,8%).

É possível afirmar-se que a atividade restringe a frequência à escola e que a ocupação intensifica essa restrição. Isso indica que as instituições estatais e as forças sociais voltadas à defesa dos direitos de crianças e adolescentes precisam re-

dobrar os esforços para propor políticas de conciliação entre trabalho e escola ou, mesmo, de afastamento de crianças e jovens do mercado de trabalho.

Percentual da população de 10 a 18 anos que frequenta a escola, segundo a situação ocupacional, na RMPA — 2003/08

ANOS	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE		
	ATIVA		INATIVOS
	Ocupados	Desempregados	
2003	61,5	71,5	92,9
2004	59,8	72,9	93,3
2005	62,4	69,0	93,8
2006	57,8	64,6	93,6
2007	61,5	65,9	93,6
2008 (1)	60,5	67,0	93,3

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

(1) Dados até o mês de julho.

Gabriele dos Anjos (FEE/CEES)



Tenha acesso a esta e a outras  
publicações em  
nossa Home Page  
[www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br)

Carta  
de  
Conjuntura FEE

**ECONOMIA BRASILEIRA**

Variáveis macroeconômicas selecionadas — dez./96-set./08

MESES E ANOS	TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO DO PIB (1) (IBGE)	TAXA DE INVESTIMENTO (2) (% do PIB) (IPEA)	TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO (3) (% da PEA) (IBGE)	TAXAS ANUAIS DE VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS (4) (IPCA/IBGE)	TAXAS BÁSICAS DE JUROS AO ANO (%) (Bacen)	TAXA EFETIVA DE CÂMBIO (5) (Funcex)		SALÁRIOS REAIS NA INDÚSTRIA (IBGE)		BASE MONETÁRIA (saldo em R\$ milhões correntes) (Bacen)
						Índice (base fixa: dez./03 = 100)	Taxa de Variação (4)	Índice (base jan./01 = 100)	Taxa de Variação (7)	
Dez./96	2,1	21,0	-	10,1	23,00	-	-	127,2	0,2	20 106
Dez./97	3,4	22,2	-	5,2	38,00	-	-	132,8	0,8	32 283
Dez./98	0,0	21,2	-	1,7	29,00	-	-	131,3	-0,5	39 285
Dez./99	0,3	19,6	-	8,9	19,00	-	-	125,4	0,1	45 407
Dez./00	4,3	20,3	-	6,0	16,50	-	-	128,3	0,2	46 304
Dez./01	1,3	19,2	10,6	7,7	19,00	-	-	130,7	25,7	52 846
Dez./02	2,7	-	10,5	12,5	22,00	-	-	122,4	20,3	69 901
Dez./03	1,1	-	10,9	9,3	17,50	-	-	126,4	21,9	70 802
Dez./04	5,7	-	9,6	7,6	17,25	88,9	-	134,4	24,8	87 344
Dez./05	2,9	-	8,3	5,7	18,50	75,7	-14,8	135,5	21,3	98 306
Out./06	-	-	9,8	3,3	13,75	72,7	-3,8	103,1	3,6	101 903
Nov./06	-	-	9,5	3,0	13,25	73,3	0,4	112,8	9,4	104 882
Dez./06	3,8	-	8,4	3,1	13,25	73,8	-2,5	135,1	19,7	118 304
Jan./07	-	-	9,3	3,0	13,25	72,8	-4,1	107,3	-20,6	116 328
Fev./07	-	-	9,9	3,0	13,00	71,8	-0,6	105,7	-1,5	111 951
Mar./07	3,9	-	10,1	3,0	13,00	72,2	-1,0	102,4	-3,1	109 023
Abr./07	-	-	10,1	3,0	12,75	72,9	-0,7	102,7	0,4	110 694
Mai/07	-	-	10,1	3,2	12,50	71,8	-3,0	103,8	1,1	111 301
Jun./07	4,8	-	9,7	3,7	12,50	70,0	-10,7	103,3	-0,5	113 195
Jul./07	-	-	9,5	3,7	12,00	69,0	-11,9	105,1	1,7	116 458
Ago./07	-	-	9,5	4,2	11,50	70,8	-6,1	103,5	-1,5	117 425
Set./07	5,1	-	9,0	4,2	11,50	68,1	-9,1	102,7	-0,8	123 181
Out./07	-	-	8,7	4,1	11,25	64,8	-10,9	105,7	3,0	124 345
Nov./07	-	-	8,2	4,2	11,25	64,4	-12,1	115,8	9,5	127 393
Dez./07	5,4	-	7,4	4,5	11,25	63,8	-13,6	140,1	21,0	143 642
Jan./08	-	-	8,0	4,6	11,25	63,7	-12,5	110,7	-21,0	141 858
Fev./08	-	-	8,7	4,6	11,25	62,5	-13,0	106,7	-3,6	132 524
Mar./08	5,8	-	8,6	4,7	11,25	63,5	-12,0	108,2	1,4	130 811
Abr./08	-	-	8,5	5,0	11,25	63,1	-13,4	106,2	-1,9	131 320
Mai/08	-	-	7,9	5,6	11,75	61,3	-14,6	108,8	2,4	132 658
Jun./08	6,0	-	7,8	6,1	12,25	59,7	-14,7	107,3	-1,4	131 067
Jul./08	-	-	8,1	6,4	13,00	59,0	-14,5	109,6	2,2	134 669
Ago./08	-	-	7,6	6,2	13,75	58,7	-17,1	107,4	-2,0	133 935
Set./08	-	-	-	6,3	13,75	-	-	-	-	137 544

(continua)

MESES E ANOS	NECESSIDADES PRIMÁRIAS DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (6) (% do PIB) (Bacen)	DÍVIDA LÍQUIDA TOTAL DO SETOR PÚBLICO (% do PIB) (Bacen)	INDÚSTRIA				SETOR EXTERNO						
			Índice da Produção Física (base 2002 = 100) (IBGE)	Taxas de Crescimento (IBGE)		Utilização da Capacidade Instalada (%) (IBRE)	Taxas de Crescimento (Secex)		% do PIB (Bacen)			Reservas Externas (conceito de liquidez internacional) (US\$ milhões) (Bacen)	Dívida Externa Total (US\$ milhões correntes)
				Produção física (1)	Produtividade física da indústria (7)		Exportações (1)	Importações (1)	Transações correntes (6)	Investimentos diretos (6)	Transações correntes não cobertas por investimentos diretos (6)		
Dez./96	0,09	33,3	83,87	1,7	-	(8)82	2,7	6,7	-2,98	1,28	1,70	60 110	...
Dez./97	0,98	34,5	81,16	3,9	-	(8)84	11,0	15,1	-4,16	2,13	2,03	52 173	199 998
Dez./98	-0,01	42,6	79,26	-2,0	-	(8)82	-3,5	-6,2	-4,24	3,66	0,58	44 556	241 777
Dez./99	-3,13	49,7	86,06	-0,7	-	(8)81	-6,1	-14,9	-4,32	4,87	-0,55	36 342	241 468
Dez./00	-3,56	48,8	92,66	6,6	-	-	14,7	13,8	-3,76	5,08	-1,33	33 011	236 156
Dez./01	-3,67	52,6	86,69	1,6	-10,7	-	5,7	0,1	-4,19	4,06	0,14	35 866	226 067
Dez./02	-3,96	55,5	93,75	2,7	-9,9	-	3,7	-15,4	-1,51	3,29	-1,78	37 823	227 689
Dez./03	-4,37	57,2	98,23	0,4	-6,9	-	21,1	2,3	0,75	1,83	-2,59	49 296	235 414
Dez./04	-4,59	51,7	106,41	8,3	-6,6	-	32,0	30,0	1,76	2,73	-4,49	52 935	220 182
Dez./05	-4,83	46,5	109,34	3,1	-5,1	(9)83,7	22,6	17,2	1,58	1,71	-3,29	53 799	187 987
Out./06	-3,90	49,4	123,78	2,7	3,8	(9)84,2	18,5	23,1	1,35	1,56	-2,91	78 171	197 404
Nov./06	-3,96	44,4	122,25	3,0	-0,8	(9)84,7	16,8	24,7	1,30	1,68	-2,97	83 114	199 659
Dez./06	-3,88	44,7	109,65	2,8	-8,1	(9)84,4	16,2	24,1	1,27	1,76	-3,03	85 839	199 372
Jan./07	-4,29	44,6	109,22	2,9	0,7	(9)82,4	15,8	24,9	1,25	1,81	-3,06	91 086	192 510
Fev./07	-4,35	44,7	104,07	2,8	-3,3	(9)83,9	16,0	24,9	1,20	1,83	-3,04	101 070	203 143
Mar./07	-4,05	44,8	121,21	2,6	13,1	(9)83,1	15,3	24,5	1,09	1,90	-2,99	109 531	215 543
Abr./07	-4,18	44,2	113,58	3,3	-6,7	(9)84,5	16,9	24,2	1,22	2,10	-3,32	121 830	217 256
Mai/07	-4,27	44,7	125,48	3,3	8,1	(9)84,4	19,2	25,9	1,15	1,97	-3,12	136 419	219 285
Jun./07	-4,27	44,1	121,61	3,9	-2,1	(9)84,7	19,3	26,5	1,12	2,72	-3,85	147 101	230 296
Jul./07	-4,33	44,0	125,50	4,2	2,1	(9)85,2	17,5	26,9	0,79	2,85	-3,63	155 910	235 030
Ago./07	-4,10	43,0	132,52	4,5	4,9	(9)85,7	16,6	27,6	0,71	2,86	-3,56	161 097	235 557
Set./07	-4,02	43,2	124,19	4,8	-6,5	(9)86,1	16,0	27,9	0,56	2,76	-3,33	162 962	237 632
Out./07	-4,19	43,2	136,83	5,3	8,0	(9)87,0	15,9	28,3	0,42	2,67	-3,25	167 867	238 262
Nov./07	-4,21	42,4	130,47	5,5	-4,0	(9)87,2	16,6	29,3	0,20	2,80	-3,00	177 060	242 098
Dez./07	-3,97	42,7	116,58	6,0	-8,3	(9)86,7	16,8	32,1	0,13	2,63	-2,76	180 334	240 495
Jan./08	-4,14	41,9	118,75	6,4	3,1	(9)84,3	17,0	33,4	-0,15	2,76	-2,62	187 507	244 829
Fev./08	-4,18	42,0	114,18	6,8	-3,8	(9)84,7	17,8	36,5	-0,31	2,67	-2,36	192 902	247 998
Mar./08	-4,47	41,2	123,04	6,6	5,9	(9)85,2	16,3	36,0	-0,64	2,66	-2,02	195 232	253 483
Abr./08	-4,25	40,9	124,96	7,0	1,4	(9)85,1	15,3	37,9	-0,98	2,64	-1,66	195 767	254 307
Mai/08	-4,35	40,6	128,53	6,7	1,5	(9)85,6	16,5	39,9	-1,01	2,65	-1,64	197 906	259 109
Jun./08	-4,29	40,5	129,51	6,7	0,8	(9)86,3	18,9	43,7	-1,22	2,08	-0,86	200 827	262 429
Jul./08	-4,38	40,7	136,50	6,9	4,1	(9)86,1	22,6	45,9	-1,30	2,02	-0,72	203 562	266 862
Ago./08	-4,41	40,4	135,16	6,4	-0,9	-	24,5	48,1	-1,45	2,17	-0,72	205 116	271 079
Set./08	-4,60	38,3	-	-	-	-	27,0	50,6	-1,64	2,44	-0,80	206 494	275 736

FONTE: IPEA. IBGE. Bacen. DIEESE. FGV. IBRE. Macrométrica.

(1) Variação percentual do fluxo dos últimos 12 meses em relação aos 12 meses anteriores. (2) Taxa de investimento no trimestre (preços de 1990). Taxa obtida a partir da relação entre as séries de índices reais (base fixa, dessazonalizado) da formação bruta de capital fixo e do PIB. (3) Pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos últimos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho. (4) Variação percentual em relação ao mesmo mês do ano anterior. (5) R\$/cesta de 13 moedas: Zona do Euro, EUA, Japão, Argentina, China, Coréia do Sul, Rússia, Canadá, Uruguai, Paraguai, Chile, México e Reino Unido. (6) Valor dos últimos 12 meses. (7) Variação percentual em relação ao mês anterior. (8) Média do ano. (9) Dado mensal.

## Carta de Conjuntura - Ano 17 nº 11

### ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — maio/06-out./08

MESES E ANOS	PIB (1)	PRODUÇÃO FÍSICA NA INDÚSTRIA			ICMS (R\$ milhões)				ÍNDICES DE PREÇOS	
		Base Fixa (4)	Mês (5)	Acumulado no Ano (6)	Industrial	Comércio Atacadista	Comércio Varejista	Total	IEPE (7)	CUB (R\$)
Maio/06	-	108,41	97,85	96,72	398,4	262,8	107,9	895,8	177,04	876,29
Jun./06	-	101,24	93,43	96,14	422,0	353,5	113,7	1 026,3	176,60	883,36
Jul./06	-	103,15	97,55	96,35	427,9	246,5	110,0	914,3	176,73	898,39
Ago./06	-	106,16	97,47	96,50	359,4	279,8	103,2	885,9	177,47	901,91
Set./06	-	98,64	101,28	97,00	423,6	267,3	101,7	1 075,4	177,57	901,14
Out./06	-	105,37	101,61	97,46	529,3	254,9	101,0	1 037,0	178,23	901,96
Nov./06	-	103,27	101,87	97,86	427,5	369,0	96,7	1 035,9	179,21	901,57
Dez./06	2,7	93,64	99,93	98,01	431,3	281,8	82,4	934,6	180,07	899,82
Jan./07	-	94,41	105,89	105,89	475,9	305,7	175,3	1 118,2	181,43	903,05
Fev./07	-	94,37	105,52	105,71	352,1	297,7	106,2	883,7	181,42	906,26
Mar./07	-	114,29	107,16	106,25	408,3	224,3	96,3	824,7	184,09	906,95
Abr./07	-	112,37	115,18	108,53	475,0	311,9	101,2	970,4	184,79	908,85
Maio/07	-	118,51	109,31	108,70	468,1	243,9	103,0	970,4	185,23	913,28
Jun./07	-	108,10	106,78	108,37	415,1	323,5	128,0	993,3	187,16	919,60
Jul./07	-	112,43	108,99	108,46	401,5	281,8	120,8	926,8	188,68	942,88
Ago./07	-	113,04	106,48	108,20	513,2	236,3	135,8	1 009,1	188,97	945,05
Set./07	-	100,21	101,59	107,48	434,1	297,5	138,0	1 006,5	189,07	948,23
Out./07	-	115,45	109,56	107,69	466,6	288,9	132,1	1 022,4	189,15	951,56
Nov./07	-	110,37	106,87	107,62	550,4	320,1	130,8	1 147,5	191,29	953,61
Dez./07	7,0	98,53	105,22	107,43	509,5	340,0	121,3	1 135,9	192,81	957,09
Jan./08	-	102,86	108,95	108,95	520,0	336,8	219,4	1 243,3	194,84	957,57
Fev./08	-	105,86	112,17	110,56	511,9	308,3	139,1	1 114,0	194,35	959,14
Mar./08	-	113,20	99,04	106,22	514,4	280,7	117,5	1 054,9	195,65	964,44
Abr./08	-	120,91	107,59	106,59	523,5	368,0	137,1	1 167,1	197,10	967,72
Maio/08	-	114,61	96,70	104,39	492,2	392,1	129,5	1 172,8	200,19	969,38
Jun./08	-	115,69	107,02	104,83	651,0	303,1	156,0	1 322,2	202,95	981,24
Jul./08	-	119,42	105,95	105,00	449,0	431,3	146,8	1 163,7	204,67	1 030,71
Ago./08	-	114,85	101,60	104,56	536,3	340,2	144,4	1 133,6	205,36	1 038,38
Set./08	-	-	-	-	575,8	390,2	154,1	1 278,5	205,98	1 048,99
Out./08	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 055,51

(continua)

## ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — maio/06-out./08

MESES E ANOS	SALDO DE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS COM CARTEIRA	DESEMPREGO NA RMPA		RENDIMENTOS NA RMPA (2)		CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA (3) (mwh)		EXPORTAÇÕES VALOR (1 000 US\$ FOB)
		Taxa de Desemprego		Ocupados (8)	Assalariados (9)	Industrial	Total	
		Aberto	Total					
Maio/06	-3 867	10,9	15,4	1 070	1 089	559 109	1 598 795	1 011 271
Jun./06	-1 934	10,7	15,0	1 068	1 095	570 845	1 612 357	1 041 339
Jul./06	-4 042	10,7	14,9	1 078	1 088	545 934	1 570 358	1 374 201
Ago./06	1 848	10,5	14,6	1 063	1 096	560 316	1 600 276	1 220 625
Set./06	3 554	10,5	14,3	1 086	1 116	529 480	1 540 478	1 072 405
Out./06	12 333	10,5	14,2	1 102	1 125	524 503	1 542 950	1 006 905
Nov./06	17 322	10,0	13,7	1 117	1 126	526 847	1 615 766	1 003 173
Dez./06	-13 467	9,2	12,9	1 107	1 108	531 587	1 732 882	1 044 476
Jan./07	14 920	8,6	12,2	1 074	1 095	443 129	1 807 603	860 445
Fev./07	13 643	8,8	12,3	1 080	1 113	518 242	1 840 251	866 144
Mar./07	8 926	9,4	12,9	1 085	1 120	544 817	1 838 957	1 062 709
Abr./07	15 008	10,1	13,6	1 103	1 132	556 619	1 788 914	971 243
Maio/07	-3 382	10,6	14,1	1 111	1 131	561 775	1 704 116	1 400 416
Jun./07	-1 132	10,8	14,4	1 105	1 131	556 098	1 642 989	1 281 777
Jul./07	-1 690	10,3	13,8	1 105	1 127	542 700	1 617 726	1 673 608
Ago./07	673	10,0	13,4	1 104	1 125	559 421	1 653 837	1 571 858
Set./07	14 986	9,6	12,8	1 102	1 107	534 178	1 612 954	1 280 444
Out./07	20 118	9,5	12,4	1 114	1 124	538 908	1 626 879	1 608 080
Nov./07	20 319	9,2	11,9	1 119	1 125	540 020	1 646 665	1 163 724
Dez./07	-8 065	8,7	11,3	1 145	1 147	527 914	1 737 091	1 277 226
Jan./08	19 029	8,4	11,2	1 109	1 107	467 639	1 914 097	1 155 177
Fev./08	20 080	8,3	11,3	1 083	1 079	553 905	1 949 550	1 196 912
Mar./08	18 474	8,7	11,7	1 066	1 078	556 404	1 905 271	1 156 056
Abr./08	13 578	9,0	12,0	1 095	1 106	591 331	1 852 881	1 398 875
Maio/08	2 296	9,2	12,2	1 125	1 143	588 888	1 747 461	1 718 977
Jun./08	7 990	8,7	11,9	1 147	1 161	579 625	1 722 206	1 682 512
Jul./08	4 522	8,7	11,9	1 150	1 167	-	-	1 866 525
Ago./08	4 814	8,3	11,3	1 159	1 165	-	-	1 733 246
Set./08	10 540	8,3	11,2	-	-	-	-	2 556 164
Out./08	-	-	-	-	-	-	-	-

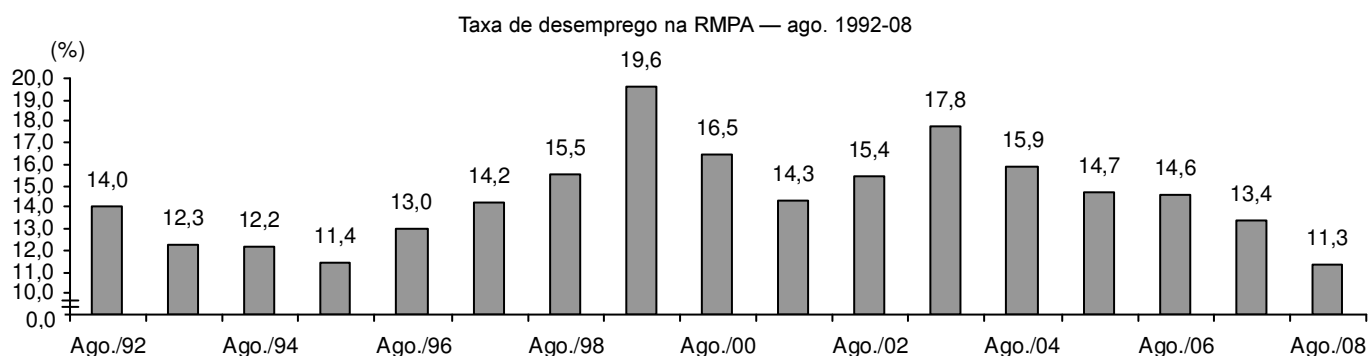
FONTE: FEE. IBGE. MICT. PED-RMPA. Secretaria da Fazenda-RS. IEPE. SINDUSCON. Ministério do Trabalho e Emprego.

(1) Refere-se à taxa anual. (2) Inflator utilizado: IPC-IEPE; valores em reais de ago./08. (3) Refere-se à soma do consumo de energia elétrica divulgado pelas três principais operadoras do Estado (RGE, AES-SUL e CEEE). (4) Base: média de 2002 = 100. (5) Base: igual mês do ano anterior = 100. (6) Base: igual período do ano anterior = 100. (7) Base: abr./98 = 100. (8) Exclui os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganham exclusivamente em espécie ou benefício. (9) Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês e os empregados domésticos.

## Taxa de desemprego de agosto atinge o menor patamar na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)

No mês de agosto de 2008, a taxa de desemprego na RMPA, quando comparada com a de idêntico mês dos anos anteriores, atingiu o menor patamar da série histórica da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), iniciada em 1992. A taxa de desemprego situou-se em 11,3% da População Economicamente Ativa (PEA) em agosto do corrente ano, sendo levemente inferior ao seu menor nível até então, o de agosto de 1995 (11,4%). Assinale-se que, na comparação de agosto de 1995 com agosto de 2008, ocorreu aumento da taxa de participação no mercado de trabalho da RMPA, o que não impediu que a taxa de desemprego apresentasse o menor nível em agosto deste último ano. Conforme se constata, o pior ano em termos de incidência do desemprego na RMPA foi o de 1999, com uma taxa de desemprego, em agosto daquele ano, de 19,6%.

No período 2004/08, de acordo com o que se pode observar, a taxa de desemprego vem apresentando uma clara trajetória de redução, tendo passado de 15,9% em agosto de 2004 para 11,3% em agosto de 2008. Para tanto, está contribuindo a *performance* do nível ocupacional no mercado de trabalho local, que tem superado o aumento da PEA: na comparação de agosto de 2004 com idêntico mês de 2008, ocorreu aumento de 246.000 ocupados, contra o de 183.000 pessoas que ingressaram na força de trabalho, o que teve como decorrência uma redução de 63.000 trabalhadores no contingente de desempregados. Esses dados sobre o mercado de trabalho da RMPA estão a indicar que o ano de 2008 poderá ser concluído com uma taxa de desemprego média próxima à do menor nível da série histórica da PED, que foi de 10,7% em 1995.



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Raul Luís Assunção Bastos (FEE/CPED)

## Saúde alicerça o crescimento do Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese) do Estado em 2005

O Bloco de Saúde do Idese do Estado apresentou, em 2005, uma variação positiva de 0,5%, elevando seu índice de 0,846 para 0,851. O bom desempenho desse bloco nesse ano foi o responsável pela manutenção do Idese no patamar de 0,761, visto que os Blocos de Renda e Educação apresentaram queda em 2005 e o Bloco de Saneamento e Domicílios se manteve estável. A elevação em Saúde deveu-se às melhoras verificadas nos dois indicadores de saúde infantil: o percentual de crianças com baixo peso ao nascer revelou queda no Estado, em 2005, o que acarretou uma melhora de 1,0% em seu índice. A taxa de mortalidade de menores de cinco anos também regrediu nesse ano, ocasionando uma elevação de 0,6% no índice desse indicador. A esperança de vida ao nascer (terceiro indicador componente do Bloco de Saúde) permaneceu estável em 2005.

Analisando esse fenômeno regionalmente, observa-se o oeste do Estado evoluindo significativamente mais que as demais localidades. Como mostra a tabela, as mesorregiões que tiveram os melhores desempenhos em Saúde, em 2005, foram a Noroeste e a Sudoeste. A primeira teve seu índice em Saúde elevado em 1%, impulsionado por melhoras significativas nos dois indicadores de saúde infantil, destacando-se, especificamente, a taxa de mortalidade de menores de cinco anos, que, nessa região, apresentou a maior redução no Estado (e, conseqüentemente, a maior elevação em seu índice). A segunda mesorregião mostrou crescimento de 0,7%, alavancado, principalmente, pela melhora no indicador percentual de crianças com baixo peso ao nascer.

Índices e suas variações percentuais dos indicadores percentual de crianças com baixo peso ao nascer e taxa de mortalidade de menores de cinco anos e do Bloco de Saúde do Idese no RS — 2004-05

MESORREGIÕES E ESTADO	PERCENTUAL DE CRIANÇAS COM BAIXO PESO AO NASCER			TAXA DE MORTALIDADE DE MENORES DE CINCO ANOS			BLOCO DE SAÚDE		
	2004	2005	Δ%	2004	2005	Δ%	2004	2005	Δ%
<b>Estado</b> .....	0,797	0,806	1,0	0,956	0,962	0,6	0,846	0,851	0,5
Centro Ocidental Rio-Grandense ..	0,805	0,811	0,7	0,967	0,965	-0,1	0,858	0,859	0,2
Centro Oriental Rio-Grandense .....	0,830	0,839	1,2	0,961	0,963	0,2	0,857	0,861	0,4
Metropolitana de Porto Alegre .....	0,794	0,803	1,2	0,963	0,968	0,5	0,848	0,853	0,6
Nordeste Rio-Grandense .....	0,777	0,778	0,1	0,961	0,962	0,1	0,851	0,852	0,0
Noroeste Rio-Grandense .....	0,817	0,828	1,3	0,945	0,960	1,5	0,848	0,856	1,0
Sudeste Rio-Grandense .....	0,782	0,781	-0,1	0,943	0,946	0,3	0,823	0,824	0,1
Sudoeste Rio-Grandense .....	0,784	0,796	1,6	0,939	0,944	0,5	0,833	0,838	0,7

FONTE: FEE/CIE.

Rafael Bernardini Santos (FEE/CIE)

## O comércio exterior brasileiro de serviços

A revolução tecnológica em curso, que introduziu mudanças significativas nas tecnologias da informação e das comunicações, alterou profundamente a disponibilidade de serviços em tempo real e levou a um aumento do comércio internacional de serviços. De acordo com dados da UNCTAD, entre 2000 e 2007, o comércio internacional de serviços cresceu 118,6%, contra 114,2% verificados no comércio de bens e, em 2007, já representava 24% do comércio de bens. Nesse mesmo ano, o comércio mundial de serviços movimentou US\$ 3,4 trilhões, tendo os países desenvolvidos participado com 72% desse total, e sendo Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Japão e França os principais países exportadores e importadores mundiais.

Em 2007, as exportações brasileiras de serviços somaram US\$ 22,5 bilhões, 25,7% acima das vendas de 2006, de US\$ 18 bilhões. Entretanto as importações, nesses mesmos anos, atingiram valores superiores, de US\$ 34,4 bilhões e US\$ 27,1 bilhões, respectivamente, gerando um saldo negativo de US\$ 11,9 bilhões em 2007, evidenciando que, nesse setor, o Brasil ainda tem importantes carências em várias áreas. Nesse mesmo ano, por exemplo, o País foi deficitário nas áreas de aluguel de equipamentos (menos US\$ 5,8 bilhões), de transporte (menos US\$ 4,2 bilhões), de viagens internacionais (menos US\$ 3,3 bilhões), de computação e informação (menos US\$ 2,1 bilhões) e de *royalties* e licenças (menos US\$ 1,9 bilhão).

Uma característica do comércio exterior de serviços brasileiro diz respeito à concentração das exportações praticamen-

te em dois estados — SP e RJ —, com uma participação de 54,4% e 36,2%, respectivamente, no ano de 2007, havendo também uma concentração nos países de destino, com os Estados Unidos respondendo por 53,6% da absorção das exportações. Nesse mesmo ano, o número de empresas exportadoras de serviços era de 22.653, das quais 72,3% exportaram entre US\$ 1.000 e US\$ 100.000; 16,8%, entre US\$ 100.000 e US\$ 500.000; e apenas 6,7% exportaram acima de US\$ 1 milhão.

O País, entretanto, demonstra ter uma expressiva competitividade na área de serviços empresariais, profissionais e técnicos, atingindo um saldo positivo de US\$ 6,2 bilhões em 2007, com um aumento de 36,7% em relação ao ano anterior. Os principais subitens dessa conta são serviços de arquitetura, engenharia e outros técnicos; instalação e/ou manutenção de escritórios, serviços administrativos e aluguel de imóveis; e honorários de profissional liberal, os quais obtiveram, respectivamente, saldos de US\$ 2,3 bilhões, US\$ 2,3 bilhões e US\$ 1,4 bilhão e variação de 26%, 43,4% e 37,6% entre 2006 e 2007.

Cabe acrescentar-se que as variações na relação real/dólar podem afetar os resultados da balança de serviços. Com a moeda nacional valorizada, a tendência é aumentar a compra e diminuir a venda de serviços no exterior, ao passo que uma desvalorização do real (como está ocorrendo atualmente) poderá levar a um resultado inverso.

Balança de serviços do Brasil — 2006-07

ITENS	(US\$ milhões)					
	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		SALDO	
	2006	2007	2006	2007	2006	2007
Serviços .....	17 959	22 469	27 149	34 388	-9 190	-11 919
Transportes .....	3 439	3 973	6 565	8 192	-3 126	-4 218
Viagens internacionais .....	4 316	4 953	5 764	8 211	-1 448	-3 258
Seguros .....	324	543	755	1 308	-430	-766
Serviços financeiros .....	751	1 090	861	807	-110	283
Computação e informação .....	102	161	2 005	2 273	-1 903	-2 112
<i>Royalties</i> e licenças .....	150	319	1 664	2 259	-1 513	-1 940
Aluguel de equipamentos .....	77	31	4 964	5 802	-4 887	-5 771
Comunicações .....	205	276	102	96	104	180
Construção .....	23	17	4	4	18	12
Relativos ao comércio .....	967	956	967	938	1	18
Empresariais, profissionais e técnicos ..	7 524	10 076	2 967	3 846	4 556	6 230
Pessoais, culturais e recreação .....	81	73	533	651	-452	-578

FONTE: Banco Central do Brasil.

**Beky Moron de Macadar (FEE/CEES)**

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 30.10.08).

ISSN 1517-7264

A *Carta de Conjuntura FEE* é uma publicação mensal de responsabilidade dos editoriais. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria do Planejamento e Gestão.

Tiragem: 250 exemplares.


**Fundação de  
Economia e  
Estatística**

Presidente: Adelar Fochezatto  
Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição  
Diretor Administrativo: Nóra Angela Gundlach Kraemer

**Conselho Editorial da Carta:** Octavio Augusto Camargo Conceição, Adalberto Alves Maia Neto, Roberto da Silva Wiltgen e Sônia Unnikowsky Teruchkin.

**Núcleo de Dados:** Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

**Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser**  
Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre  
CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br  
www.fee.rs.gov.br

**Editoração**

**Supervisão:** Valesca Casa Nova Nonnig. Secretária: Vera Lúcia Pires Dalberto. Expedição: Lisete Maria Giroto.

**Revisão**

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Sidonia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

**Editoria**

Coordenação: Cirei Pereira da Silveira. Composição, diagramação e arte final: Denize Maria Maciel, Ieda Terezinha Koch Leal, Jose Antonio da Silva e Rejane Maria Bondanza Lopes. Conferência: Lourdes Teresinha dos Santos, Rejane de Barcellos Schmitt e Vera Sonia da Silva Castro. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.